

# Mulher e as angústias do cotidiano: a versão de meninas e meninos na favela

Neuza Guareschi\*

---

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar como meninos e meninas, estudantes de uma escola urbana de uma comunidade pobre – uma favela – compreendem e explicam a vida das mulheres de sua comunidade. As meninas criticam e rejeitam as condições discriminatórias, opressivas e violentas sob as quais vivem suas mães e outras mulheres da comunidade e como resistem à idéia de um dia estar nessa mesma situação. Os meninos também percebem as desigualdades de gênero e se preocupam com as duras condições de vida de suas mães, embora considerem naturais as diferenças entre os papéis de homens e mulheres na família e na sociedade, reproduzindo valores tradicionais e patriarcais nas relações de gênero. Este trabalho também focaliza as condições econômicas, culturais e políticas das vidas dessas meninas e desses meninos e analisa a percepção que carregam acerca das mulheres. Discute, também, as relações sociais de gênero, raça, classe que se estabelecem nos múltiplos ambientes em que os/as estudantes vivem, como escola, casa e comunidade.

**Palavras-chave:** vidas de mulheres; gênero; raça; classe.

## Abstract

This paper discusses how boys and girls, students in an urban school placed in a poor neighborhood – *favelas* –, understand and perceive women lives in their community. Specifically, it intends to understanding how girls criticize and reject the discriminatory, oppressive and violent conditions under which their mothers and other women live in that community, and how they resist to accepting the idea that in the future they will be living the same experience. Otherwise, the boys also recognize the gender inequalities and are very concerned about their mothers' bad life conditions, although they think that the different roles between women and men in the family and society are natural. Thus, they reproduce traditional and patriarchal values in their gender relationships with girls. This work also analyzes economic, cultural, and political aspects of these boys and girls' lives in order to understanding their perceptions about women. Finally, this article discusses the gender, race and class relations established in the multiple environments where these students live, such as school, home, and neighborhood.

**Key-words:** women lives; gender; race; class.

---

\* Professora da Faculdade de Psicologia - PUC-RS.

Av. Nilópolis, 375 aptº 401. Porto Alegre - RS CEP: 90460-050 FAX: 051 3203633. Telefone: 051 3211604.  
E-Mail: HYPERLINK mailto:nmguares@pucrs.br nmguares@pucrs.br ou guapa@plug-in.com.br

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar como meninos e meninas, estudantes de uma escola urbana de uma comunidade pobre – uma favela – compreendem e explicam a vida das mulheres de sua comunidade. Mais especificamente, como as meninas criticam e rejeitam as condições discriminatórias, opressivas e violentas sob as quais vivem suas mães e outras mulheres da comunidade e como resistem à idéia de um dia estar nessa mesma situação. Já os meninos, parecem perceber as desigualdades de gênero e se preocupam com as duras condições de vida de suas mães. Entretanto, apesar de os meninos referirem que na favela, as mães precisam prover o sustento de suas famílias porque a maioria delas é mãe solteira e precisa cuidar de tudo sozinha, ainda assim consideram naturais as diferenças entre os papéis de homens e mulheres na família e na sociedade, reproduzindo valores tradicionais e patriarcais nas relações de gênero. Este trabalho também focaliza as condições econômicas, culturais e políticas de suas vidas e analisa a percepção dessas meninas e desses meninos acerca das mulheres, na medida em que interagem constantemente com as relações sociais de gênero, raça, classe e nos múltiplos ambientes em que os estudantes vivem, como o da escola, da casa e da comunidade.

Este artigo é baseado em um estudo qualitativo realizado em uma escola municipal de Porto Alegre, Brasil, com alunos e alunas de uma oitava série do ensino fundamental. Os resultados deste estudo mostram que meninas e meninos apresentam muitas contradições em relação as condições de vida da mulher na comunidade. Apesar de que meninas e meninos partilham alguns valores morais e idéias patriarcais referentes às relações de gênero, eles e elas também expressam opiniões diferentes em relação aos direitos, papéis e obrigações da mulher. Concordam, por exemplo, que a vida da mulher não é boa e que há muitas situações ruins que elas precisam enfrentar em sua vida diária. Alguns fatos, tais como a prole numerosa, maridos alcoolistas e desempregados bem como a violência doméstica, somados às precárias condições em que vivem, são os principais aspectos que as meninas indicam como os que tornam muito difícil a vida dessas mulheres. As meninas desse estudo também se mostram pessimistas acerca da situação das mulheres em termos das possibilidades de mudança no que concerne aos aspectos econômicos e sociais de suas vidas. De acordo com as meninas, a realidade dessas mulheres não indica possibilidade de mudança porque elas não possuem certas características que poderiam dar-lhes oportunidades para adquirir poder e transformar suas vidas. Sob a ótica das meninas, o fato de que a maioria das mulheres é oriunda do campo e carece de educação formal e de interesse para estudar e

de autocontrole, impõe-lhes a impossibilidade de mudar as condições de suas vidas. Em relação a esse fato, as meninas trazem a noção de mulheres como sendo “indivíduos não-possessivos”, ou como afirma Fraser (1989), que há um sistema social que reproduz as condições dos homens como independentes e das mulheres como “sujeitos defeituosos” que são fracos demais para lutar na arena pública visando transformações políticas.

Os referenciais teóricos deste trabalho são oriundos dos estudos sobre a educação crítica, incluindo as teorias sociais e culturais críticas e acerca da resistência, bem como as concepções de ideologia do neo-marxismo, abordagens pós-estruturalistas do discurso, e a compreensão que os estudos feministas possuem sobre o conceito de políticas de identidade. O emprego dessas abordagens novas permite que se veja o potencial dos estudantes e das estudantes para a mobilização social e as possibilidades de transformação de sua realidade. Isso se propõe ser atingido, nesta pesquisa, através da análise combinada acerca das interações sociais na escola, das relações sociais da casa, das relações na força de trabalho remunerada e voluntária e das relações na comunidade.

### **Ser Mulher na Favela**

Ser mulher, ter filhos, trabalhar e estudar é um esforço muito grande. Minha prima está grávida novamente, mas não sei se ela ainda está com o marido. Meu pai nunca bateu na minha mãe nem foi agressivo conosco. Só que quando ele tem um problema sério, ele tenta desabafar em nós, mas minha mãe o detém bem depressa. Acho que a maioria das mulheres aqui não tem estudo, o que é ruim porque quando ficam mais velhas, elas descobrem que precisam ter mais controle. O controle vem da educação e elas não o têm. A mãe sabe que tem de trabalhar para sustentar a família, mas o pai, bem, não parece que precisa. Os pais não parecem interessados nos filhos, ou preocupados com eles. Eles em geral não dividem seu dinheiro com a família, eles geralmente o guardam para si mesmos, mas o dinheiro que minha mãe ganha vai inteiro para a família, não é só para ela.

Contudo, em contraste com a falta de otimismo presente na fala da menina referida acima, em relação às dificuldades das mulheres em mudar sua vida, o discurso dos e das estudantes também deixa implícito que todas as pessoas na comunidade sabem que são as mulheres que devem tomar conta de tudo a fim de sustentar a família. As meninas e os meninos dizem que só vêem as mulheres levar mantimentos e outras provisões para casa. Na visão desses meninos e dessas meninas, a maioria dos homens são irresponsáveis e egoístas porque guardam o dinheiro para gastar com

bebidas. São as mulheres que pagam as contas e compram os mantimentos e outras coisas que as crianças precisam, como roupas e calçados. A esse respeito, as meninas referem o grande esforço despendido pelas mães para prover suas crianças com tudo que pedem, mesmo que lhes demande muito tempo obter o dinheiro para comprar o que os filhos e filhas pedem. Às vezes gastam mais do que possuem e assumem dívidas que as levam a trabalhar ainda mais, a fim de poder quitar seus débitos. As meninas mencionam que essas questões relativas às compras e atitudes das mães podem ser observadas no modo como elas se preocupam em vestir bem suas crianças quando as levam para o jardim de infância e o primeiro grau. Algumas meninas comentam:

Menina 1: Eu acho que a mãe tem que ser pai e mãe ao mesmo tempo, sabe?, tem que guiar a gente. A maioria das mulheres trabalha para poder sustentar suas crianças; a gente vê isso porque elas tentam vestir bem as crianças e cuidar bem delas. A maioria das pessoas faz isso, as pessoas que podem fazer isso, fazem, mas as que não podem...

Menina 2: Eu também vou dizer uma coisa. Meu pai não é como o teu; ele trabalha, mas se eu quiser alguma coisa, bem, eu tenho que ser muito querida no modo como eu peço ou então ele não me dá o que eu pedi. Mas minha mãe é como a tua. Ela quer o melhor para mim. Assim, se ela puder, ela vai me dar o que eu pedir.

Menina 3: Na minha casa também é assim – minha mãe paga tudo, alimento, roupas, aluguel e todas as contas. Meu pai não ajuda nada. Ele trabalha e só dá dinheiro para nós se pedirmos com muito jeito.

Em relação a esse papel das mães nas comunidades pobres, como por exemplo nas favelas, é interessante observar que meninas e meninos apontam algo que é semelhante a outros estudos realizados acerca das relações culturais de gênero no Brasil, especialmente as relacionadas com pessoas de baixo nível sócio-econômico. Da Matta (1995), por exemplo, indica o fato de que as mulheres na sociedade brasileira, especialmente aquelas das classes pobres e trabalhadoras, têm sido representadas através do discurso de homens, jovens e crianças como “as donas das casas” ou como as figuras centrais da casa. Além disso, Barker & Loewenstein (1997) mostraram em seu estudo em favelas do Rio de Janeiro que mais da metade

dos lares nesses lugares são dirigidos por mulheres. Apesar da exploração que as mulheres sofrem em seus empregos e a violência doméstica, são muito ilustrativos nestes dois estudos, bem como em outros, as indicações de que, neste tipo de realidade econômica, as mulheres são as que encontram modos alternativos de prover o sustento da família e lidar com a pobreza, a fim de que elas e suas crianças sobrevivam.

É em relação a essa realidade feminina que os meninos parecem perceber as desigualdades de gênero e se preocupar com as duras condições de vida de suas mães. Os meninos argumentam que, além de prover o sustento de suas famílias, a maioria das mulheres é mãe solteira e tem que tomar conta de tudo sozinha, de modo que se torna difícil para elas conseguirem ou investirem em empregos melhores. Segundo os meninos, para a maior parte das mulheres, o único trabalho disponível é a de fazer faxina em residências, o que não é um emprego estável, ou então fazer faxina em firmas, o que não lhes dá qualquer esperança de mobilidade social. Devido a essa discriminação, os meninos dizem que há casos nos quais as mulheres perdem seus empregos e os filhos mais velhos precisam deixar a escola para trabalhar e ajudá-las a sustentar a família. Além disso, os meninos afirmam que as mulheres sofrem porque têm de trabalhar fora de casa, fazer as tarefas domésticas e tomar conta das crianças, enquanto os homens, após o trabalho, conversam com os vizinhos ou bebem nos bares. Dois meninos afirmam que:

Menino 1: O homem vai para o trabalho e quando volta, vai visitar um amigo. A mulher trabalha muito, vai para casa e faz o jantar. Contudo, eu acho que as mulheres que ficam em casa o dia todo também vão à casa das amigas conversar.

Menino 2: Muitas mães são solitárias; os maridos vão para o trabalho e elas ficam em casa cuidando das crianças. As que tentam conseguir um emprego, muitas vezes não conseguem encontrar. Assim, acabam fazendo faxina nas casas duas ou três vezes por semana.

Não obstante, apesar de os meninos reconhecerem que a situação das mulheres na comunidade é pior do que a dos homens, eles consideram naturais as diferenças entre os papéis dos homens e das mulheres na família, na sociedade, papéis esses que reproduzem valores tradicionais e patriarcais nas relações de gênero. Os meninos argumentam que é presumido – ou que assim lhes foi dito – que são os homens que devem trabalhar fora de casa e serem os responsáveis pela família. Isso é interessante porque os meninos

sabem e afirmam que é a mulher quem trabalha mais na comunidade. Contudo, eles ainda mencionam os homens como sendo os que deveriam prover o sustento de toda a família, e eles referem a si mesmos e a outros parentes e amigos na comunidade como os que se tornam prejudicados como os que “têm” de assumir a função de provedores. Eles afirmam que muitos meninos da comunidade tiveram de deixar a escola a fim de ajudar a família porque os pais estão desempregados. Ainda, os meninos parecem culpar homens e mulheres por terem bebês demais. Os meninos acreditam que é irresponsabilidade dos pais e das mães terem filhos e filhas quando sabem que não possuem condições para sustentá-los. Na opinião dos meninos, em geral os homens saem com as mulheres apenas para se divertir; eles não gostam delas e não estão comprometidos com elas. As mulheres também querem se divertir e na maior parte do tempo parecem ignorar que depois os homens irão embora. Nesse caso, para os meninos “divertir-se” tem uma conotação sexual, isto é, os homens saem com as mulheres para manter relações sexuais. Alguns comentários de meninos ilustram essas idéias:

Menino 1: Eu acho que no lar há muito mais responsabilidade para o homem; ele tem que sair de casa diariamente e trabalhar enquanto as mulheres só ficam em casa fazendo as tarefas e cozinhando. O homem tem que parar de estudar para poder sustentar a família. Meu primo teve que parar de estudar porque os seus pais não têm emprego e ele teve que parar e conseguir dinheiro para a família. Mas as mulheres não, elas não precisam parar de ir à escola para trabalhar; elas têm uma chance de continuar. Se as meninas ficam grávidas, elas não podem escapar porque o bebê está dentro delas. Nessa situação, a menina tem muita responsabilidade.

Menino 2: Acho que é irresponsável dos pais, se sabem que não têm o dinheiro para sustentar a criança, ou do pai que sabe que não quer uma esposa, mas somente alguém para divertir. Assim, a mulher acaba ficando sozinha em casa.

Conforme os meninos, as mulheres deveriam ficar em casa fazendo as tarefas domésticas e cuidando das crianças, mesmo que algumas delas conversem com as vizinhas em vez de fazer esses trabalhos. Assim, apesar dos meninos estarem conscientes da negligência dos homens em relação ao seu papel na família, eles continuam a considerar que o homem deve atuar na esfera pública e que as mulheres são as responsáveis pelas atividades domésticas. E mais, em relação aos papéis de mães e pais, os meninos

afirmam que é responsabilidade das mulheres, mais do que dos homens, educar as crianças e cuidar do seu comportamento. Entretanto, mais adiante, os meninos mudam de opinião e explicam que ambos, pai e mãe, deveriam ser quem fala com as crianças, controlando e explicando-lhes que comportamentos devem ter e ensinando-lhes a respeitar as pessoas. Porém, novamente os meninos se contradizem em relação aos papéis da mãe e do pai descrevendo certos estereótipos acerca da divisão de gênero no trabalho, dizendo que quando algo acontece às crianças, tal como viver nas ruas, fumar maconha, roubar ou beber, isso tudo é culpa da mãe. Conforme os meninos, nesses casos, as mães são negligentes por não manterem as crianças no lar, por lhes darem liberdade excessiva e por lhes permitirem voltar tarde para casa. Os meninos não compreendem por que as mães não batem nas crianças quando ocorre esse tipo de situação porque, sob o ponto de vista delas, se as mães educarem as crianças quando forem bem pequenas, elas aprenderão a respeitar as pessoas e não apresentarão atitudes más quando maiores. Os meninos também mencionam determinados casos nos quais algumas crianças, especialmente meninos, atacam suas mães, o que mostra que não são pessoas educadas. Contudo, os meninos dizem que há algumas mulheres que também são pessoas más, citando inclusive algumas que costumam beber cachaça. Como diz um menino:

Quando isso acontece (drogas e álcool), eu acho que é culpa dos pais; eles deixam que seus filhos abusem e não prestam atenção neles. E depois que isso acontece, os pais não podem só querer que os filhos fiquem em casa porque isso não funciona. Algumas crianças que são novas amaldiçoam suas mães e batem nelas também, e isso é porque os pais não lhes ensinaram a respeitar. Fora da escola há muitas pessoas que fumam erva: meninas e mulheres velhas. Há mulheres que são traficantes de droga. Não há diferença entre os homens e as mulheres; todos são iguais. Eu acho que há mulheres que saem para se embeddar.

Em contraste, as meninas não atribuem às mulheres papéis específicos na família; tampouco as julgam por não assumirem todas as funções na esfera doméstica. As meninas reconhecem que as mulheres ocupam uma posição desigual em comparação com os homens e que elas sofrem muita discriminação. As meninas não aprovam a atitude de algumas mulheres de aceitar a discriminação ou de tolerar alguns comportamentos masculinos, tais como não ajudar nas tarefas domésticas ou nos cuidados das crianças ou bater nas esposas. As meninas discutem algumas de suas experiências relativas a essas condições da mulher, especialmente as experiências com suas mães e pais. Há alguns casos nos quais, de acordo

com as meninas, o pai somente pára de bater na mãe devido à interferência e às ameaças de um irmão mais velho. Algumas das experiências e desapontamentos dessas meninas com as mulheres e as mães são descritas:

Menina 1: Eu não acho agradável ser mulher porque a maioria delas está cheia de filhos e provavelmente tem maridos que bebem e fazem coisas assim. Em casa, meu pai bebe e agora está procurando emprego. Ele não é uma má pessoa. Ele é legal. Minha mãe trabalha como empregada numa casa; a vida dela não é de todo má. Eu acho que a mulher trabalha mais duro do que o homem porque as mulheres têm que sustentar suas crianças e o marido. Muitas vezes o marido trabalho, mas gasta todo o seu dinheiro com cerveja e se divertindo com outras mulheres. Mas em geral eu acho que a vida que as mulheres têm aqui é só um pouco boa.

Menina 2: Na minha casa é um pouco diferente; meu pai é que andava por aí e não respeitava a minha mãe, mas minha mãe não o largava. Ele batia na minha mãe e sempre bebia muito; ele gastava todo o dinheiro em cerveja. Mas isso tudo mudou um dia. Aquela noite, ele tinha bebido muito e bateu no olho da minha mãe e meu irmão se levantou e começou a gritar com ele e disse para ele que iria bater nele se ele não parasse. Nós todos choramos naquela noite, até o meu irmão, mas depois daquela noite tudo ficou melhor. Meu pai não bate mais na minha mãe e não bebe mais tanto. Agora ele é um pai porque antes ele não era um pai. Se ele faz algo errado, minha mãe pode controlá-lo e meu irmão também. Agora é minha mãe que sai, mas meu pai também sai. Eu disse para ela deixá-lo, mas ela não quer porque o ama. Ele ainda bebe, sabe, mas agora ele nem pensa em tocar em nós. Eu acho que ele fica mais calmo quando está um pouco bêbedo do que quando está mais sóbrio.

Menina 3: Eu acho que as mulheres trabalham muito mais do que os homens. Minha tia trabalha e carrega volume pesados, e atualmente está trabalhando em construção. Mas os homens raramente lavam a louça. Os homens são realmente preguiçosos; eu não vejo nenhum deles trabalhando. Eu só vejo as mulheres fazendo todo o trabalho pesado e os homens não fazendo nada e além disso há uma porção de mães solteiras aqui e elas fazem todo o trabalho. Por exemplo, meu irmão não trabalha e não estuda. As mulheres fazem o que têm de fazer e fazem também o que o pai deveria fazer.

Os comentários das meninas, contudo, mostram algumas contradições em relação às questões de gênero, sociais, culturais e sexuais, nas quais as meninas não só reproduzem aspectos da ideologia dominante e dos valores patriarcais, mas também mostram algumas das resistências das mulheres às posições de poder e dominação dos homens. Aqui é importante destacar pontos, tais como a falta de autocontrole da mulher relacionada com a sexualidade, promiscuidade e adultério como sendo o que as meninas afirmam constituir grandes problemas nas relações entre homens e mulheres. Ainda, de acordo com as meninas, esses aspectos são a origem das diferenças principais entre homens e mulheres e da discriminação social e sexual com as mulheres. E, segundo as meninas, são esses aspectos que dão à mulher uma posição submissa na relação com o homem em sua comunidade. Uma menina discute esses tópicos no seu relato:

Perto da minha casa, tanto os homens quanto as mulheres trabalham, mas não todos eles. Deixa eu dar um exemplo. Minha tia tem sete crianças e trabalha e o marido dela não trabalha. A única coisa que ele faz é gritar com ela e dizer-lhe o que fazer. E ela fica com ele porque gosta dele. Minha tia mais velha tem três crianças; cada uma delas tem um pai diferente porque para ela um homem não é suficiente e, por isso, meu tio se divorciou dela. Então ela foi dormir com o sobrinho do meu tio e meu tio não sabia o que fazer porque em vez de tomar conta das crianças, ela saía e dormia por aí. Todo o mundo sabe disso e, por isso, muitas pessoas não respeitam o meu tio. Assim, eu acho que é importante que as mulheres respeitem os maridos e vice-versa. Nós somos todos iguais e, portanto, eu acho que as mulheres deveriam também trabalhar e os homens deveriam ajudar na casa. Mas os homens são muito teimosos. Eles não acham que deveriam mudar. Eles acham que as mulheres são para cozinhar e fazer todas as outras tarefas femininas.

Embora todas as situações mencionadas pelas meninas mostrem uma certa submissão e passividade das mulheres em relação aos homens, as meninas também mencionam alguns casos nos quais as mulheres demonstram reações a suas condições de opressão. Mas as meninas ainda citam que na maioria das situações são as mulheres que trabalham e os homens, além de serem agressivos com elas, só ficam em casa bebendo ou vagando à-toa, mesmo admitindo que na vila algumas mulheres que cuidem das crianças e fiquem dormindo em casa. Alguns dos homens que as meninas conhecem, inclusive o pai de uma das meninas, mantêm relações extraconjugais. Em geral, as mulheres sabem disso mas parecem não se importar, fato este que enfurece algumas meninas. Contudo, é importante

dizer que, subjacente a essa atitude de “não ligar”, há significados sociais e culturais específicos que é necessário compreender.

Essa questão relacionada a fidelidade conjugal, parece ser diferente para as mulheres de níveis sócio-econômicos mais baixos. A reprodução de certos valores sociais e morais da família é às vezes mais explícita nessa classe social do que nos níveis sócio-econômicos médio e alto. O fato de ser uma mulher casada, ficar em casa, apesar dos problemas no relacionamento com o marido, e exibir uma submissão e passividade feminina pode ser muito importante. Não se importar pode não estar significando que as mulheres não expressam abertamente sua revolta, mas que sua desforra pode aparecer em diferentes maneiras, tais como enganar os maridos. Tentarei discutir essas questões de forma mais sucinta.

As meninas justificam a atitude das mulheres de aceitar a traição e os maus-tratos dos homens como sendo fruto da falta de educação das mulheres. As meninas acham que uma das principais razões por que as mulheres aceitam essa situação é que elas não têm conhecimento suficiente para discernir essas atitudes masculinas e obter mais informações e poder para controlar a si mesmas em suas relações com os homens. Para as meninas, o fato de que a maioria das mulheres é originária do interior e não freqüentou a escola por muito tempo, faz com que sejam tolas e ingênuas. Quando as meninas falam da falta de autocontrole das mulheres, elas estão mencionando diretamente o seu comportamento sexual. As meninas explicam que algumas mulheres quando estão sexualmente excitadas não conseguem resistir ou controlar-se. Sob o ponto de vista das meninas, as mulheres têm consciência da possibilidade de gravidez, de suas precárias condições sociais e econômicas e da falta de comprometimento dos homens. Contudo, essa consciência não é suficientemente forte. Após acontecerem essas coisas, as mulheres podem se queixar muito de sua situação difícil, reprovando-se e sentindo-se culpadas pelo que fizeram; mas, na opinião das meninas, é muito tarde então. Esses tópicos são bem explicados por algumas meninas:

Menina 1: Há algumas pessoas (mulheres) onde eu vivo, bem não exatamente onde eu vivo mas a gente ouve falar por aí. Elas dizem que é bom ter excitação na vida, e elas vão em frente e fazem sexo sem preservativo e depois aparecem grávidas. E há algumas mulheres que sabem se controlar. As que não têm controle (mesmo que só não tenham um pouco) vão em frente e fazem coisas e sabem que não deviam ter feito. Quando elas ficam grávidas, elas começam a falar em como sua decisão foi estúpida porque não têm dinheiro suficiente ou não têm

emprego. É como se elas estivessem na lua e quando voltam para a terra, elas acordam e percebem a estupidez que fizeram.

Menina 2: A maioria das mulheres... bem, eu acho que elas têm que respeitar mais os maridos. Deixa eu dar o exemplo do meu tio. A mulher dele teve a coragem de sair com o sobrinho dele. Todo o mundo sabia e contava para ele, mas ele não escutava e não queria ver. Minha mãe estava sempre discutindo com ela por causa disso, dizendo que ela tinha que respeitar mais o marido e isso tudo. Um dia ela simplesmente levantou e foi embora com as coisas dele e agora ele está vivendo conosco.

Menina 3: É difícil ser mulher em nossa comunidade. Há mulheres que são esposa de traficantes de drogas; outras são muito presunçosas e acham que são melhores que as demais. Há um grupo de mulheres que pensa que a mulher é pedante porque vive numa casa melhor. Há algumas mulheres que são mais “barra pesada” do que os homens. Há homens que traem e há mulheres que traem.

Além dessas atitudes das mulheres, as meninas trazem outras questões relacionadas ao adultério, dizendo que não são somente os homens que adotam esse comportamento. Algumas mulheres também cometem adultério. Aqui é importante mencionar que, enquanto as meninas falam sobre as mulheres que adotam tal comportamento, ao mesmo tempo elas também apresentam opiniões sobre relações de gênero, papéis da mulher na família e na sociedade, e valores morais e sociais em relação à sexualidade que expressa a reprodução de valores conservadores, tradicionais e patriarcais. Não obstante, as afirmações dessas meninas sobre as situações em que as mulheres traem os homens também mostram um modo como as mulheres resistem e reagem contra comportamentos de exploração e dominação dos homens. Essa análise é sugerida pelas meninas quando referem-se a suas próprias reações à traição nas relações românticas com seus namorados. As meninas argumentam que elas traem seus namorados porque não são tolas e ingênuas como suas mães ou outras mulheres da comunidade.

Neste ponto é muito importante refletir sobre as contradições que aparecem nos comentários das meninas sobre o comportamento moral e social das mulheres. Ao mesmo tempo que as meninas parecem não aprovar e condenar as mulheres que traem seus maridos ou reprovar a falta de autocontrole das mulheres em relação aos seus desejos sexuais, elas também

dizem que as mulheres não deveriam aceitar ser criticadas pelos homens. As meninas enfatizam que percebem claramente que os homens pensam que são superiores e que possuem maior poder social do que as mulheres o que demonstra sua atitude de machismo. Assim, as meninas compreendem que é difícil para as mulheres reagirem contra a postura masculina porque as mulheres também se sentem inferiores aos homens ou sentem que os homens possuem mais força do que as mulheres.

As meninas também fazem associações entre o corpo dos homens e das mulheres. Enquanto mencionam que o corpo do homem é mais forte e, desse modo, lhes concede mais capacidade para retrucar às mulheres, as meninas referem-se às mulheres como aquelas que estão cansadas de lutar ou reagir contra esses tipos de opressão. Na opinião das meninas, os homens sabem que o corpo das mulheres é diferente, o que significa um corpo mais fraco e mais sensível. Mas as meninas afirmam que as mulheres, em geral, deveriam enfrentar os homens ou lutar contra eles. Elas, as mulheres, não deveriam aceitar que os homens tentassem colocá-las em situação de inferioridade. Além disso, quando as meninas se referem a essa possibilidade de igualdade física e social entre homens e mulheres, elas também mencionam alguns tópicos raciais e psicológicos. As meninas abordam a idéia de solidariedade, dizendo que não importa se os homens tiram vantagem das mulheres pelo poder social e físico porque partilham as mesmas condições, e os sentimentos que essas condições lhes dão são mais importantes do que as diferenças de gênero e de raça. A compreensão desses sentimentos de solidariedade precisam ser compreendidos dentro da dimensão histórica da ideologia sobre a falsa democracia racial<sup>1</sup>, a qual está profundamente enraizada na sociedade brasileira e que tem reforçado a discriminação nas relações de gênero e raça e a impotência que as mulheres enfrentam em sua vida diária. Uma menina refere-se a essas questões dizendo:

Eu sinto que os meninos criticam muito as mulheres; eles fazem isso porque acham que são melhores do que nós; assim muitas vezes as mulheres sentem-se abandonadas pelos homens. Se tentamos retrucar-lhes, parece que eles têm mais poder porque não conseguimos nos fazer ouvir. Muitas mulheres não dizem nada e eu acho que é porque gostam do fato de os homens estarem sempre gritando com elas. Aqui os homens não mudam. É difícil para eles mudar. Eles acham que as mulheres como nós

---

<sup>1</sup> No Brasil, as diferenças raciais foram disfarçadas no que é chamado de democracia racial. Tal concepção é tão perigosa quanto uma posição abertamente assumida que reproduz desigualdades raciais. Esse tipo de disfarce do racismo pode, de fato, ser mais danoso porque esconde quem o criou e onde foi criado. Pode ser uma produção tanto de sistemas sociais democráticos como de regimes democráticos (Carneiro, 1994).

têm um corpo diferente. Mas eles acham que, por serem homens, eles são mais fortes. Eles fazem as coisas ao seu modo e as mulheres ao seu. Assim, muitos deles pensam que são diferentes mas nós somos todos iguais; a cor e nosso modo de ser não importam. O que realmente importa é o que está dentro de nós, assim todos temos de agir de modo igual.

Os comentários das meninas sobre a vida das mulheres na comunidade demonstram algumas de suas idéias bastante conflituosas e contraditórias. Como argumentei, algumas afirmações mostram que, para as meninas, alguns valores familiares e patriarcais são considerados importantes. Elas julgam e criticam as mulheres que traem seus maridos, as mulheres que querem se divertir e não cuidam de suas crianças e as mulheres que não têm autocontrole de seus sentimentos e desejos sexuais. Em contraste, não concordam com as manifestações de superioridade dos homens em relação às mulheres, com a divisão social do trabalho entre homens e mulheres, ou com as atitudes dos homens que podem desrespeitar social ou sexualmente as mulheres, reivindicando igualdade entre os sexos e nas relações de gênero. Sob o ponto de vista das meninas, mesmo que algumas mulheres gostem de trair os homens ou não se importem de ser traídas pelos maridos e outras simplesmente fiquem em silêncio, muitas delas estão reagindo e tentando mudar suas vidas. Como diz Campbell (1973, p. 77), “não há valores mais profundamente enraizados do que os que definem masculinidade e feminilidade”. As meninas, portanto, atacam essa realidade feminina mas não sem mostrar seus próprios conflitos que também estão sendo engendrados nessa realidade patriarcal e psicossocial dominante, como a que mostram quando discutem a realidade feminina e a qual se manifesta nas relações românticas entre elas e os meninos<sup>2</sup>.

A luta das meninas para adquirir uma situação diferente da de suas mães e da de outras mulheres na comunidade pode ser percebida através de suas ações, apesar de essas ações não refletirem em um movimento feminista mais amplo. As meninas de baixo nível sócio-econômico ou das favelas expressam o desejo de perseguir espaços sociais e organizar-se para promover transformações econômicas, sexuais e sociais em suas vidas, mostrando que a construção de suas identidades está, de diversas maneiras, inserida em um processo de conscientização acerca das relações sociais de gênero. Já em relação aos meninos, devido às condições econômicas e sociais de privação de suas mães, alguns deles demonstram preocupação acerca dos estereótipos de gênero e das relações desiguais entre gêneros e

---

<sup>2</sup> Exemplo desse tipo de conflito pode ser percebido no relacionamento entre meninos e meninas, como no “ficar”. As meninas comentam que embora tenham namorados, elas costumam “ficar” com outros rapazes como uma maneira de mostrarem que não são ingênuas ou bobas como suas mães e outras mulheres da vila.

sexos. Mesmo assim, ainda participam de comportamentos discriminatórios de gênero com as meninas, tais como sexismo verbal e físico, os quais costumam intimidar as meninas. Essas manifestações de sexismo dos meninos, como afirma Francis (1997, p. 528), mostram uma expressão de manutenção da categoria de gênero empregada para delinear a identidade de gênero, bem como um método de se situar (ou serem situados) nas relações de poder.

## **Bibliografia**

- Barker, G. and Loewenstein, I. (1997) **Where the Boys Are: Attitudes related to Masculinity, Fatherhood, and Violence Toward Women Among Low-Income Adolescent and Young Adult in Rio de Janeiro, Brazil.** Youth & Society, vol. 29, No. 2, Dec, pp. 167-196.
- Campbell, K. (1973) **The Rhetoric of Women's Liberation:** Na Oxyoron. Quarterly Journal of Speech, Vol. 59 pp. 74-86.
- Carneiro, M. L. T. (1994) **O Racismo na História do Brasil: Mito e Realidade.** São Paulo: Ática.
- Da Matta, R. (1995) **On The Brazilian Urban Poor: An Anthropological Report.** Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press.
- Francis, B. (1997) **Discussing Discrimination Children's Construction of Sexism Between Pupils in Primary School.** British Journal of Sociology of Education. Vol. 18, No. 4, pp. 519-532.
- Fraser, N. (1989) **Unruly Practices.** Minneapolis: University of Minnesota Press.